



CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS, TERRITÓRIOS E TERRITORIALIDADES ENTORNO NO QUILOMBO CAFUNDÁ ASTROGILDA - RIO DE JANEIRO (ST-10)

Tatiana Martinz Gil de Alcantara

Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio) | tatianalcantarak@gmail.com

Amaro Sérgio Marques

Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio) | amaro@puc-rio.br

Ana Cecília Mello da Silva Braga

Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio) | ceciliabrag17@gmail.com

Sessão Temática 10: Territórios, lutas sociais e planejamento em contexto de conflitos

Resumo: Este trabalho trata da produção do território e das territorialidades negras no entorno do Quilombo Cafundá Astrogilda, situado no município do Rio de Janeiro, RJ. Tem como objetivo principal investigar os processos de lutas e conflitos pela posse do território, os avanços da expansão urbana, especulação imobiliária e os desdobramentos sobre esse quilombo rural. O quilombo surgiu nas terras de engenhos coloniais da baixada de Jacarepaguá (Camorim, Vargem Pequena e Vargem Grande), onde os ex-escravizados puderam preservar as suas práticas culturais e tradições. A comunidade é marcada por núcleos familiares e pela memória da matriarca Astrogilda. Apesar da criação do Parque Estadual da Pedra Branca em 1974, o avanço do processo de urbanização da região, bem como os conflitos socioambientais têm atingido esse quilombo de forma contundente. Todavia, os quilombolas permanecem com sua luta pelo reconhecimento territorial frente ao avanço imobiliário, o aumento da violência e o risco de perda de sua cultura e ancestralidade.

Palavras-chave: Quilombo; Territorialidade; Resistência; Insurgência; Produção do Território.

SOCIO-ENVIRONMENTAL CONFLICTS, TERRITORIES, AND TERRITORIALITIES AROUND THE QUILOMBO CAFUNDÓ ASTROGILDA - RIO DE JANEIRO

Abstract: *This work addresses the production of territory and Black territorialities around the Quilombo Cafundá Astrogilda, located in the municipality of Rio de Janeiro, RJ. Its main objective is to investigate the processes of struggle and conflict over land possession, the advances of urban expansion, real estate speculation, and the consequences for this rural quilombo. The quilombo emerged on the lands of colonial mills in the Jacarepaguá lowlands (Camorim, Vargem Pequena and Vargem Grande), where formerly enslaved were able to preserve their cultural practices and traditions. The community is characterized by family nuclei and the memory of the matriarch Astrogilda. Despite the creation of the Pedra Branca State Park in 1974, the advancement of the region's urbanization process, as well as socio-environmental conflicts, have profoundly impacted this quilombo. Nevertheless, the quilombolas continue their struggle for territorial recognition in the face of real estate development, rising violence and the risk of losing their culture and ancestry.*

Keywords: *Quilombo; Territoriality; Resistance; Insurgency; Production of Territory.*

CONFLICTOS SOCIOAMBIENTALES, TERRITORIOS Y TERRITORIALIDADES EN TORNO AL QUILOMBO CAFUNDÁ ASTROGILDA - RÍO DE JANEIRO

Resumen: *Este trabajo aborda la producción del territorio y las territorialidades negras en los alrededores del Quilombo Cafundá Astrogilda, situado en el municipio de Río de Janeiro, RJ. Su objetivo principal es investigar los procesos de luchas y conflictos por la posesión del territorio, los avances de la expansión urbana, la especulación inmobiliaria y sus impactos en este quilombo rural. El quilombo surgió en las tierras de ingenios coloniales de las tierras bajas de Jacarepaguá (Camorim, Vargem Pequena y Vargem Grande), donde los exesclavizados pudieron preservar sus prácticas culturales y tradiciones. La comunidad está marcada por núcleos familiares y la memoria de la matriarca Astrogilda. A pesar de la creación del Parque Estatal de Pedra Branca en 1974, el avance del proceso de urbanización en la región, así como los conflictos socioambientales, han impactado a este quilombo contundente. Sin embargo, los quilombolas continúan su lucha por el reconocimiento territorial frente al desarrollo inmobiliario, el aumento de la violencia y el riesgo de perder su cultura y su ancestralidad.*

Palabras clave: *Quilombo; Territorialidad; Resistencia; Insurgencia; Producción del Territorio.*

INTRODUÇÃO

A produção do território por comunidades quilombolas representa um processo histórico e cultural complexo, marcado por lutas pela terra e pela afirmação de identidades. Neste contexto, o Quilombo Cafundá Astrogilda, localizado sobreposto ao Parque Estadual da Pedra Branca - PEPB, na Zona Oeste do município do Rio de Janeiro - RJ, emerge como um caso exemplar de resistência e adaptação.

O presente estudo tem como objetivo analisar as dinâmicas de produção e ressignificação do território neste quilombo, buscando compreender as estratégias adotadas pela comunidade para preservar suas tradições e enfrentar os desafios contemporâneos. Além disso, investiga os processos de lutas pela posse do território, bem como os impactos da expansão urbana e da especulação imobiliária, que têm agravado os conflitos socioambientais na região.

No contexto das ciências humanas e sociais, os conceitos de território e territorialidades são amplamente debatidos, especialmente em relação às comunidades tradicionais como os quilombolas, povos originários, ciganos, entre outros. Segundo Haesbaert (2021), o território não deve ser entendido apenas como uma porção de espaço delimitado geograficamente, mas como uma construção social e simbólica que envolve relações de poder, identidade e pertencimento. Haesbaert destaca ainda a multiplicidade dos territórios, afirmando que eles são formados por camadas de significados que variam de acordo com as experiências e práticas dos grupos. Essa perspectiva é fundamental para compreender como os quilombolas produzem e ressignificam seu território, integrando elementos históricos, culturais e políticos.

Já o geógrafo Marcelo Lopes de Souza (2013), contribui para essa discussão ao enfatizar que as territorialidades são práticas e estratégias que expressam a forma como os grupos sociais se apropriam e transformam o espaço. Para ele, a territorialidade é uma manifestação das ações e decisões dos grupos sociais, onde as relações de poder e resistência se expressam de forma concreta no espaço físico e simbólico.

As territorialidades negras no Quilombo Cafundá Astrogilda, portanto, não são apenas uma resposta à necessidade de sobrevivência, mas também uma forma de afirmação identitária e resistência cultural frente às pressões externas, como a especulação imobiliária, adensamento, conflitos socioambientais e políticas públicas excludentes.

A relevância deste estudo está na necessidade de valorizar e compreender as estratégias de resistência territorial de comunidades quilombolas, que são fundamentais para a preservação do meio ambiente - tal qual os povos originários - suas culturas e para a promoção de justiça social e pelo direito à cidade.

O reconhecimento e a análise dessas práticas espaciais insurgentes (Souza, 2013) contribuem para o fortalecimento da identidade e autonomia das comunidades quilombolas, destacando sua resiliência e a eficácia de suas estratégias na superação das múltiplas pressões externas.

A metodologia adotada neste trabalho combina a revisão de literatura, levantamento fotográfico, produção de cartografias sociais e mapas, além de um trabalho etnográfico e de observação participante. Inicialmente foi realizada uma revisão de literatura com acesso a bancos de dados como o Portal CAPES, Scielo, entre outros. Autores como Abdias Nascimento, Antônio Bispo dos Santos e Ailton Krenak desempenharam papéis cruciais na compreensão das dinâmicas de produção do território e das diversas territorialidades presentes no Quilombo Cafundá Astrogilda, oferecendo contribuições significativas tanto para as perspectivas decoloniais quanto contra coloniais.

Nascimento (1980), com suas reflexões sobre o quilombismo, proporciona uma visão que ressoa profundamente com as práticas de resistência cultural observadas na comunidade. Seu trabalho destaca o esforço contínuo para preservar a autonomia e a identidade cultural das comunidades quilombolas.

Santos (2023), também conhecido como Nêgo Bispo, contribui com uma perspectiva inovadora ao conceber a terra como um sujeito ativo. Essa visão está em sintonia com as práticas de manejo e respeito ao território realizadas pela comunidade quilombola, refletindo um profundo entendimento e valorização do território como elemento central na vida comunitária.

Krenak (2022), desafia os modelos de desenvolvimento convencionais com suas críticas incisivas, uma perspectiva que se manifesta nas iniciativas da comunidade em manter práticas sustentáveis e transmitir o conhecimento ancestral ao longo das gerações. Juntos, esses autores oferecem um arcabouço teórico robusto para compreender e valorizar as práticas e territorialidades presentes no Quilombo Cafundá Astrogilda.

Posteriormente, durante o primeiro semestre de 2024 foram feitas incursões ao território do Quilombo Cafundá Astrogilda bem como aos bairros do entorno, onde foram realizados levantamentos fotográficos e a produção de cartografias sociais e mapas que ilustram a organização espacial da comunidade e da área em estudo.

O trabalho etnográfico e de observação participante permitiu um contato direto com os moradores, possibilitando uma compreensão mais profunda das práticas culturais, da dinâmica de resistência territorial e os conflitos socioambientais e luta pela posse do território do quilombo.

As discussões realizadas na disciplina de Território e Territorialidades Negras da PUC-Rio e no Grupo de Pesquisa em Produção do Território e de Territorialidades Negras – BAOBÁ da mesma instituição, assim como os materiais das oficinas do Instituto Pretos Novos - IPN, foram fundamentais para o aprofundamento das análises e a construção de uma base teórica. Todas essas discussões, aulas, palestras, seminários e materiais contribuíram para a compreensão dos conceitos de território e territorialidades, bem como das práticas espaciais insurgentes que caracterizam a resistência comunitária no Quilombo Cafundá Astrogilda.

Este trabalho está estruturado em quatro seções, sendo a primeira sobre a origem e contextualização da região e do Quilombo Cafundá Astrogilda, explorando a formação histórica da comunidade, suas raízes nos engenhos coloniais da baixada de Jacarepaguá (Camorim, Vargem Pequena e Vargem Grande), e a importância da figura da matriarca Astrogilda, uma benzedeira cuja prática é herança dos afrodescendentes Bantos vindos do continente africano (principalmente Angola e Congo). Também merece destaque a questão quilombola enquanto direito e luta pela posse definitiva desse território.

A segunda seção discute os conceitos dos termos território, territorialidades e práticas sócio-espaciais insurgentes no contexto quilombola e enfatiza as práticas espaciais insurgentes que caracterizam a resistência comunitária. Ao discutir esses conceitos, a seção busca destacar como as práticas espaciais insurgentes, presentes no Quilombo Cafundá Astrogilda, são expressões de uma resistência comunitária que se manifesta na reconfiguração contínua do espaço. Tais práticas não apenas desafiam as forças externas que buscam subverter a autonomia quilombola, mas também reafirmam a identidade cultural da comunidade como uma forma de resistência à invisibilização e à colonização.

A terceira seção aborda os principais aspectos que caracterizam os conflitos sócio-espaciais e ambientais enfrentados pelo Quilombo Cafundá Astrogilda, destacando o impacto da expansão urbana e do adensamento territorial sobre essa comunidade. A seção analisa as tensões entre o crescimento urbano descontrolado, a preservação ambiental e os direitos territoriais quilombolas, evidenciando as contradições entre os interesses do mercado imobiliário e a necessidade de proteger o território ancestral, essencial para a sobrevivência cultural e material da comunidade.

A quarta e última seção deste trabalho apresenta um relato detalhado do percurso exploratório realizado no Quilombo Cafundá Astrogilda, oferecendo uma análise aprofundada da interação entre a comunidade e seu território. A partir de fotos, mapas e observações etnográficas, esta seção destaca aspectos essenciais como a organização do espaço, a alimentação tradicional, a presença contínua da figura matriarcal da benzedeira – simbolizada pela neta de Astrogilda, Maria Lúcia –, a educação ambiental e cultural, e a relação intrínseca com o PEPB. Destaca-se ainda a importância da permanência da comunidade quilombola, que desempenha um papel crucial como guardiã das matas, dos rios, da fauna e do bioma do Maciço da Pedra Branca e seu entorno.

Durante o percurso exploratório, observou-se a disposição das casas, os sistemas de captação de água e as redes de infraestrutura e abastecimento, como energia, telefonia, acessos e estradas, demonstrando um planejamento que respeita e integra as necessidades da comunidade com o meio ambiente. Aspectos culturais também foram destacados incluindo festas religiosas e manifestações que combinam elementos da cultura afro-brasileira, tradições católicas e religiões de matriz africana. Além disso, foram observados o avanço do adensamento urbano devido a novos empreendimentos imobiliários, o intenso fluxo de veículos na região, a ampliação do turismo rural (ainda de forma predatória) e a

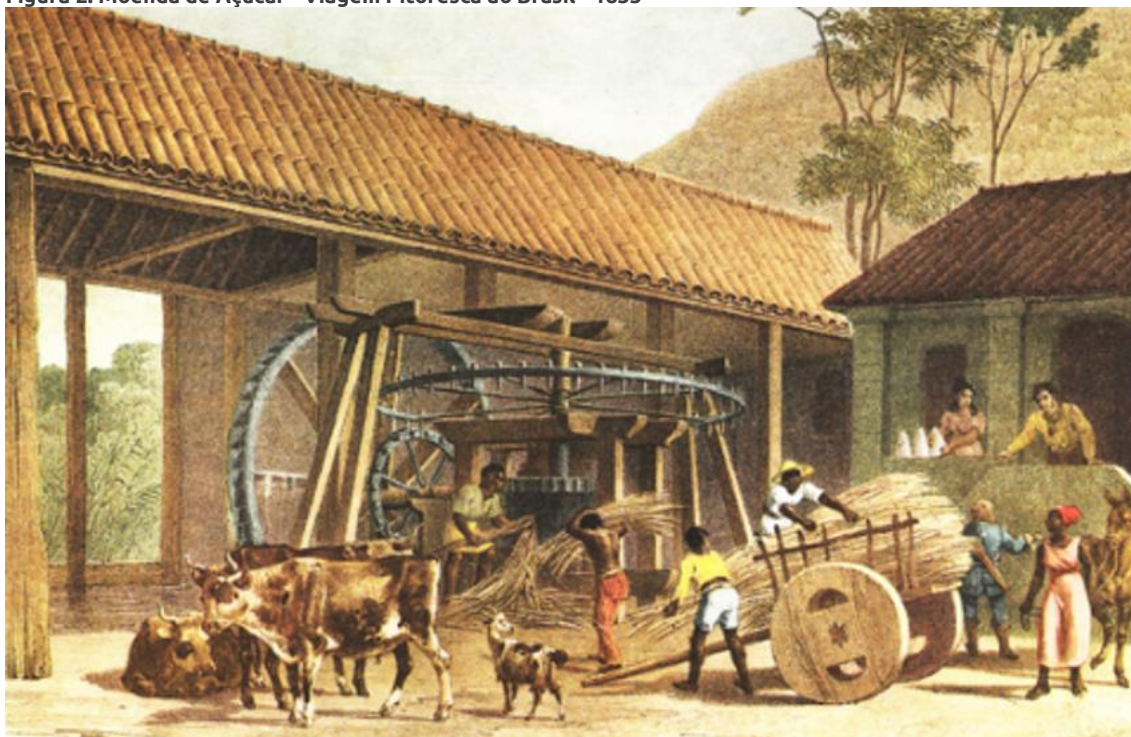
Com esta estrutura, o trabalho busca oferecer uma análise do Quilombo Cafundá Astrogilda, contribuindo para o reconhecimento e valorização das territorialidades negras na cidade do Rio de Janeiro. Além de reforçar a relevância da preservação das culturas e tradições quilombolas, o estudo evidencia a necessidade de políticas públicas que assegurem os direitos territoriais dessas comunidades e promovam a justiça social frente aos desafios impostos pelos conflitos socioambientais.

A zona oeste do município do Rio de Janeiro, onde se encontra a região do Maciço da Pedra Branca, teve uma ocupação histórica iniciada desde o período da colonização, caracterizado à época de sertão carioca (Figura 1).

A detailed topographical map of the Serra da Mantovana region in Rio de Janeiro. The map features contour lines indicating elevation, with peaks like Serra da Mantovana and Serra da Marabá. Major rivers shown include the Rio Guanabara, Rio Paraíba do Sul, and Rio Itaboraí. Key settlements and landmarks labeled include S. Cruz, Campo Grande, Jacarepaguá, and Barra da Tijuca. A compass rose in the bottom right corner indicates North, and the map is signed 'MAGALHÃES CORREIA'.

Nos séculos XVII e XVIII essa área foi ocupada por grandes fazendas e engenhos para a produção de açúcar e aguardente, com mão de obra escravizada (Figura 2).

Figura 2: Moenda de Açúcar - Viagem Pitoresca ao Brasil - 1835



Fonte: Rugendas/Reprodução.

Todavia nos interessa a análise da complexa dinâmica de expansão urbana, bem como os desdobramentos do avanço da zona urbana em direção ao entorno do PEPB e à área reivindicada pela Comunidade Quilombola de Cafundá Astrogilda. Souza (2017), aponta que essa região passou um processo acelerado de crescimento a partir da década de 1970, em função do desenvolvimento de atividades econômicas, bem como pela atração de população de baixa renda que ajudaram a ampliar essa parte da cidade – que ainda possuía uma grande oferta de terrenos e de menor custo que de outras partes do Rio de Janeiro.

Assim, chegamos ao tempo presente com a formação de vilas e favelas, bem como de conjuntos e bairros periféricos – alguns de classe média ou superior, alimentando o apetite feroz do conhecido mercado imobiliário da zona oeste.

O avanço da expansão urbana sobre as áreas de amortecimento no entorno do Maciço da Pedra Branca tem causado impactos ambientais. Lima (2020) demonstrou que a falta de ordenamento territorial, bem como o aumento do adensamento na área levou a perda de biodiversidade e degradação dos ecossistemas. Ainda mais, por tratar de área suscetível a riscos geológicos, que poderiam afetar o grau de vulnerabilidade dos moradores da região.

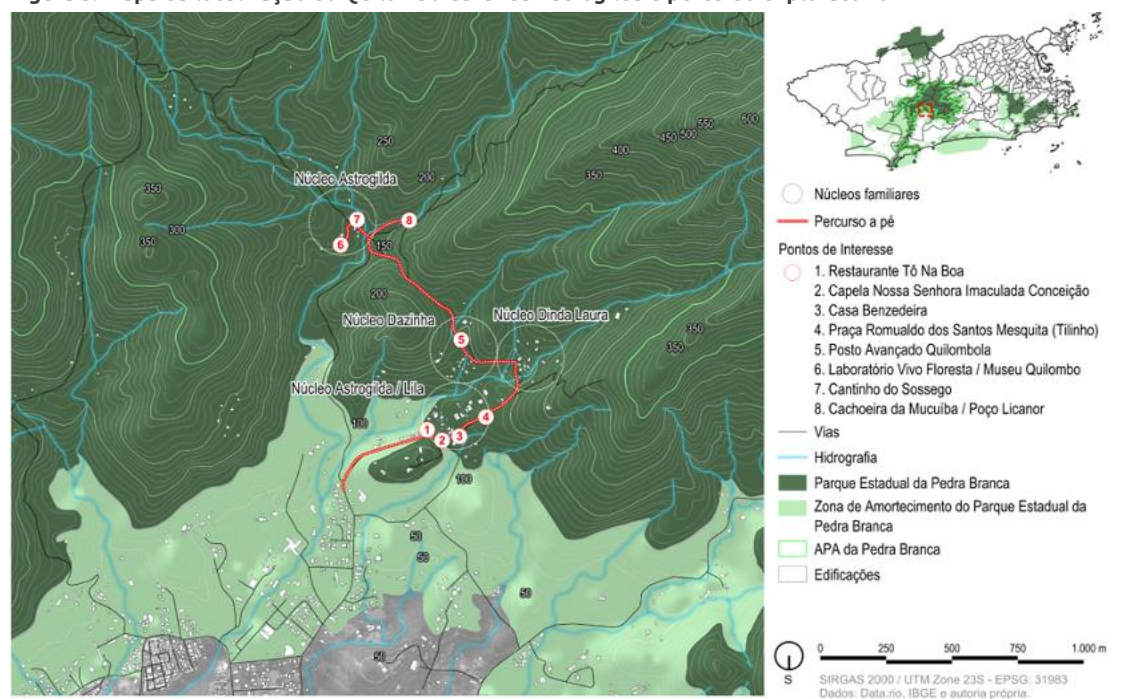
Tradicionalmente, nas grandes regiões metropolitanas no Brasil, a ocupação irregular em áreas de proteção ambiental, fundo de vale e de alagadiços, ou de topografia inadequada – geralmente áreas de terrenos mais baratos e localizadas nas periferias – é fruto da ausência de políticas públicas de habitação e de ordenamento territorial. Importante destacar que essas periferias são formadas em sua maioria pelas classes trabalhadoras, de baixa renda e caracterizados como negros ou pardos. (Maricato, 2013).

A história do Quilombo Cafundá Astrogilda destaca-se pela importância dessas comunidades na luta e resistência pelo direito à terra dos remanescentes quilombolas. Localizado no bairro de Vargem Grande, na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, o quilombo tem suas terras sobrepostas ao PEPB desde 1974.

Essa sobreposição exemplifica as histórias frequentemente omitidas sobre a formação de algumas áreas da cidade. Com destaque para a figura de sua matriarca, Astrogilda, suas memórias são relatadas por seus descendentes, que continuam a praticar ações insurgentes em busca do reconhecimento dos direitos territoriais e preservação da sua cultura e modos de vida mediante as pressões externas.

O quilombo é formado por núcleos familiares, e têm suas origens nos engenhos coloniais da Baixada de Jacarepaguá, parte da sesmaria de Gonçalo Correia de Sá, doada à sua filha Vitória de Sá em 1625. Após a morte de Vitória, o Engenho de Camorim foi dividido pelos monges Beneditino em três fazendas: Camorim, Vargem Pequena e Vargem Grande, exploradas com mão de obra escravizada. Com a antecipada alforria em 1871, muitos escravizados permaneceram na fazenda, cultivando subsistência. Após a abolição da escravatura, alguns negociaram trabalho por moradia. Em 1891, as terras foram vendidas ao Banco de Crédito Móvel, que não reconheceu os direitos dos alforriados, mas outorgou créditos para compra das terras.

Figura 3: Mapa da localização do Quilombo Cafundá Astrogilda e percurso exploratório



Nota: Cartografia desenvolvida após o percurso exploratório realizado em junho de 2024.

Fonte: Vanessa Galvão, 2024.

Os moradores atuais têm recibos de pagamentos, e o sentido é que pagaram duas vezes pelas terras. A comunidade reforça o pertencimento ao território, através de seus percursos a pé,

identificando ruínas coloniais mesmo sem estudos arqueológicos, deixando muitas informações ainda desconhecidas.

A agricultura no Quilombo Cafundá Astrogilda simboliza resistência e preservação cultural, especialmente diante das restrições impostas pela criação do PEPB, que inicialmente proibiu atividades agrícolas. Apesar disso, a comunidade continua cultivando banana e caqui, mantendo práticas tradicionais enraizadas em saberes ancestrais.

Mais do que garantir a subsistência, essas práticas agrícolas reforçam a identidade cultural, a conexão com a terra e a luta por direitos territoriais. Os territórios de parentescos, formados por núcleos familiares que homenageiam seus ancestrais, são ao mesmo tempo redes de memórias coletivas e estruturas de ocupação espacial que sustentam essas práticas agrícolas. Ao valorizar cultivos diversificados e sustentáveis, a comunidade não apenas preserva seus territórios contra expropriações, mas também promove autonomia e o reconhecimento de suas produções nos mercados locais.

A geografia é caracterizada por morros e vales, onde os cultivos se entrelaçam com a Mata Atlântica, sendo abastecidos por uma rede de rios e riachos. Os caminhos que conectam as casas, as roças e os núcleos familiares estruturam a ocupação do território e atuam como marcadores de memória e narrativas locais, refletindo uma epistemologia espacial enraizada nos saberes da comunidade.

O turismo emergente e os restaurantes administrados por mulheres quilombolas valorizam a gastronomia local, mas enfrenta o desafio de um turismo predatório e sem regulamentação. Um dos principais projetos, é o Ação Griô, que promove visitas imersivas na história do maciço, compartilhando saberes culturais e práticas agroecológicas da comunidade.

O Museu Quilombo/Laboratório Vivo Floresta preserva as memórias materiais e espirituais do Quilombo Cafundá Astrogilda, com foco nas práticas botânicas e homeopáticas tradicionais. Localizado no terreno onde foi a casa de Dona Astrogilda, o museu resgata saberes ancestrais relacionados ao uso de plantas medicinais e técnicas de cura, transmitidos ao longo das gerações. A construção do museu, feita com a técnica de pau a pique, preserva as sabedorias tradicionais, fortalecendo o vínculo com a ancestralidade e a resistência cultural da comunidade. Além disso, o museu funciona como um centro de aprendizado sobre práticas de cura e o respeito à natureza, essenciais para a preservação da identidade quilombola e a autonomia da comunidade quilombola.

As fossas de evapotranspiração são sistemas sustentáveis de decomposição anaeróbia de matéria orgânica, utilizados nos núcleos Astrogilda e Dinda-Laura para preservar o lençol freático e evitar a contaminação da água subterrânea. Esse sistema harmoniza-se com os princípios de sustentabilidade e as práticas tradicionais da comunidade, contribuindo para a preservação ambiental e a autonomia local.

Os quintais são importantes espaços de vida e socialização onde as mulheres quilombolas cultivam uma diversidade de plantas medicinais e utilitárias, preservando conhecimentos

botânicos tradicionais, fruto da descendência Banto, originária do território africano do Congo e Angola. Esses guardiões dos mistérios das florestas são conhecedores da agricultura e das rezas. Conhecimento este que é transmitido de geração em geração, destaca-se principalmente o benzimento, prática que hoje é continuada por Maria Lúcia, neta da matriarca Astrogilda, benzedeira e conhecedora das ervas, assim como foi sua avó.

O texto sobre a história do quilombo foi fundamentado na cartografia participativa, uma abordagem conforme Luz Stella Rodríguez Cáceres, antropóloga, descreve em Caminhos de Memórias e Resistência, o qual permite à comunidade documentar e revelar suas próprias narrativas espaciais e históricas. Além disso, muitas informações sobre a história do quilombo foram obtidas por meio do percurso exploratório conduzido por Sandro Santos, do projeto Ação Griô, que proporcionou uma imersão nas memórias locais e saberes ancestrais.

Utilizando essa metodologia, foi possível explorar e compreender não apenas a evolução histórica do quilombo, mas também as práticas espaciais insurgentes e territorialidades contemporâneas que refletem a resistência e memória da comunidade quilombola ao longo do tempo.

O depoimento da Maria Lúcia¹, compartilhado durante o percurso exploratório, oferece um testemunho profundo sobre a continuidade e a resistência da comunidade quilombola. Ao afirmar "minha ancestralidade, eu nasci nessa comunidade, eu nasci aqui dentro do quilombo, minha bisavó nasceu aqui, minha avó nasceu, o bisavô da minha avó Astrogilda, ele era um escravo, eu venho de lá". Maria Lúcia traça uma linha direta de descendência e conexão com o território, ressaltando a importância da memória e da identidade na experiência quilombola. Sua declaração enfatiza a transmissão intergeracional da memória, preservada pela narrativa oral e experiência vivida. Ao mencionar o bisavô de sua avó Astrogilda como escravo, ela sublinha a resiliência histórica da comunidade e a conexão intrínseca entre resistência, história familiar e território. Esse depoimento confirma a relevância da cartografia participativa na compreensão das dinâmicas do quilombo e ressalta a importância de valorizar as narrativas pessoais e coletivas na formação da identidade e preservação cultural da comunidade quilombola.

TERRITÓRIOS, TERRITORIALIDADES E PRÁTICAS ESPACIAIS INSURGENTES

No contexto da produção do território e das territorialidades, entender esses conceitos é essencial para analisar as dinâmicas de poder e resistência presente em comunidades como o Quilombo Cafundá Astrogilda. Segundo Souza (2000, p. 79), a noção de território, quando configurada geograficamente como espaço social, perpassa relações de poder que levantam uma questão fundamental: "quem domina ou influencia quem nesse espaço, e como?". Esta questão revela as complexas interações entre poder e espaço, destacando a importância de analisar como diferentes grupos contestam e reivindicam seus territórios. Haesbaert amplia essa visão ao afirmar que:

O espaço em sua multidimensionalidade, o ambiente em sua complexa dinâmica sociedade-natureza, o território nas múltiplas formas com que revela o poder que temos sobre/com o espaço/o ambiente, cada região em sua diferença/especificidade e cada lugar em sua identidade revelam, mais do que nunca, a importância da dimensão geográfica ou espacial da sociedade. (HAESBAERT, 2004, p. 26).

A territorialidade, portanto, é entendida como uma prática dinâmica que envolve negociações e disputas contínuas. Ela se configura como uma forma de resistência e afirmação identitária, especialmente em contextos de marginalização e luta por reconhecimento. Nesse sentido, as práticas insurgentes no Quilombo Cafundá Astrogilda podem ser vistas como uma maneira de afirmar e reconfigurar suas territorialidades diante das pressões externas e internas, reafirmando seu direito ao espaço e às práticas culturais que o definem. Para compreender a complexidade dessas práticas insurgentes, é também fundamental estar ciente de conceitos como contracolonialismo, decolonialismo e quilombismo. Esses conceitos fornecem o arcabouço teórico necessário para interpretar as formas de resistência e afirmação identitária que caracterizam o Quilombo Cafundá Astrogilda.

O contracolonialismo conforme discutido por Santos (2023, p. 58), é um conceito que reflete a resistência ativa das comunidades contra processos coloniais e expropriativos. Santos define contracolonialismo como "simples: é você querer me colonizar e eu não aceitar que você me colonize, é eu me defender". Compreender esses conceitos é uma forma de reconhecer a luta das comunidades quilombolas como uma defesa e afirmação contra as consequências da colonização. O decolonialismo é uma abordagem crítica que visa desconstruir as narrativas e estruturas de poder coloniais ainda presentes nas sociedades contemporâneas. Essa perspectiva destaca a importância de valorizar e restaurar os conhecimentos e práticas das comunidades marginalizadas, desafiando as hegemonias estabelecidas e promovendo uma reinterpretação mais justa e inclusiva da história e da cultura. Esse enfoque oferece as bases para compreender como os quilombos preservam e afirmar suas práticas culturais e sociais diante as pressões externas.

O pensamento decolonial busca valorizar os saberes de grupos, indivíduos e comunidades subalternizadas, e produzir formas de conhecimento que não sigam a lógica da colonialidade. O quilombismo é um conceito que se refere à luta histórica e contemporânea dos quilombolas pela preservação de suas identidades e territórios. Segundo Nascimento (1980, p. 288), "os negros têm como projeto coletivo a ereção de uma sociedade fundada na justiça, na igualdade e no respeito a todos os seres humanos". Esse projeto coletivo é central para a construção e manutenção das territorialidades quilombolas, e compreender o quilombismo é fundamental para reconhecer o esforço das comunidades em afirmar seus valores sociais e culturais. Além disso, Krenak oferece uma visão crítica sobre o papel da ancestralidade e da educação indígena, afirmando:

As crianças indígenas não são educadas, mas orientadas. Não aprendem a ser vencedoras, pois para uns vencerem outros precisam perder. Aprendem a partilhar o lugar onde vivem e o que têm para comer. Tem o exemplo de uma vida em que o indivíduo conta menos que o coletivo.

Esse mistério indígena, um legado que passa de geração para geração. O que as nossas crianças aprendem desde cedo é colocar o coração no ritmo da terra. (KRENAK, 2022, p. 117).

Esta perspectiva ressalta a importância da ancestralidade na formação de práticas insurgentes e na criação da territorialidade que valorizam e preservam o conhecimento e as tradições culturais. Portanto, a análise das territorialidades e práticas insurgentes no Quilombo Cafundá Astrogilda revela uma complexa interseção entre resistência, identidade e poder. A preservação dos territórios quilombolas e a luta pela justiça e igualdade são expressões de uma prática contínua e dinâmica que desafia as forças externas e reafirma a importância da ancestralidade na manutenção e valorização das tradições e práticas culturais. As territorialidades quilombolas não são apenas espaços físicos, mas também campos de luta e resistência, onde a identidade e a justiça são constantemente reconfiguradas e reafirmadas.

A análise das territorialidades e práticas insurgentes no Quilombo Cafundá Astrogilda revela a complexidade das dinâmicas de resistência e reafirmação identitária no espaço. O território, entendido como um campo de luta e preservação cultural, reflete não apenas as disputas materiais, mas também os saberes ancestrais que fundamentam essas práticas. A análise dessas dinâmicas ressalta como o espaço do quilombo é continuamente construído por meio de práticas cotidianas que integram memória, resistência e criação coletiva. Nesse contexto, o território emerge como uma arena onde disputas simbólicas e materiais se entrelaçam, reafirmando a autonomia e a identidade cultural da comunidade frente às pressões externas.

CONFLITOS SÓCIO-ESPACIAIS E AMBIENTAIS

A longa história de lutas contra a dominação estrangeira faz parte integral da herança africana na diáspora. O Quilombo Cafundá-Astrogilda é um exemplo emblemático das tensões entre desenvolvimento urbano, preservação ambiental e os direitos territoriais de comunidades tradicionais. A sobreposição de territórios entre o parque e o quilombo tem gerado conflitos sócio-espaciais e ambientais que desafiam a resiliência da comunidade e evidenciam assimetrias nas relações de poder. Segundo Raffestin (1993), o poder é exercido a partir de relações que se manifestam espacialmente, moldando a organização, apropriação e uso dos territórios. Essa perspectiva ajuda a compreender como as dinâmicas de dominação e resistência estruturam os conflitos presentes na região, reforçando desigualdades e tensionando a coexistência entre diferentes agentes no território.

A mercantilização da terra é o processo pelo qual a terra, compreendida pelos quilombolas como um recurso comum ou um bem de uso coletivo, é transformada em uma mercadoria que pode ser comprada, vendida e especulada no mercado. Esse processo está no coração do desenvolvimento urbano hegemônico e tem profundas implicações filosóficas, sociais e ecológicas. Como uma continuação das lógicas coloniais de expropriação e exploração, é um processo central ao capitalismo, que molda a cidade de forma desigual e insustentável, agravando a exclusão de populações vulneráveis e ameaçando o meio ambiente. (natureza) Segundo Santos (2023), a terra não é apenas matéria, mas uma fonte viva que conecta

humanos e não humanos, carregando saberes. A redução da terra à condição de mercadoria quebra essas conexões, desconsiderando os valores espirituais e oníricos, apartando os humanos e a natureza.

Os quilombos, enquanto espaços simbólicos e geográficos, sempre foram lugares de organização socioeconômica e política, que se contrapõem à estrutura colonial do sistema de posse de terras. No capitalismo, o solo é tratado como um ativo econômico, regulado pelas leis de oferta e demanda, nas quais trabalho coletivo e propriedade comum não são possibilidades. A reprodução da tradição africana do comunitarismo agrícola é integrada ao meio ambiente, concebendo vida e pertencimento. O solo vai além da superfície palpável; é ancestral e profundamente conectado à espiritualidade.

As práticas colonizadoras desterritorializam, atacando a identidade cultural e impondo formas de opressão que afetam tanto o espaço físico quanto as memórias e as formas de vida dos povos, em uma lógica que subjuga a natureza e as culturas, silenciando-as e controlando-as. Essas práticas visam transformar o território, estabelecendo um modelo de dominação que se reflete na construção das cidades, espaços projetados exclusivamente para os humanos, sem a possibilidade de coexistência com outras formas de vida. Neste contexto, surge a questão:

O que é a cidade? É o contrário da mata. O contrário de natureza. A cidade é um território artificializado, humanizado. A cidade é um território arquitetado exclusivamente para humanos. Os humanos excluíram todas as possibilidades de outras vidas na cidade. Qualquer outra vida que tenta existir na cidade é destruída. Se existe, é graças à força do orgânico, não porque os humanos queiram (SANTOS, 2023, p. 18).

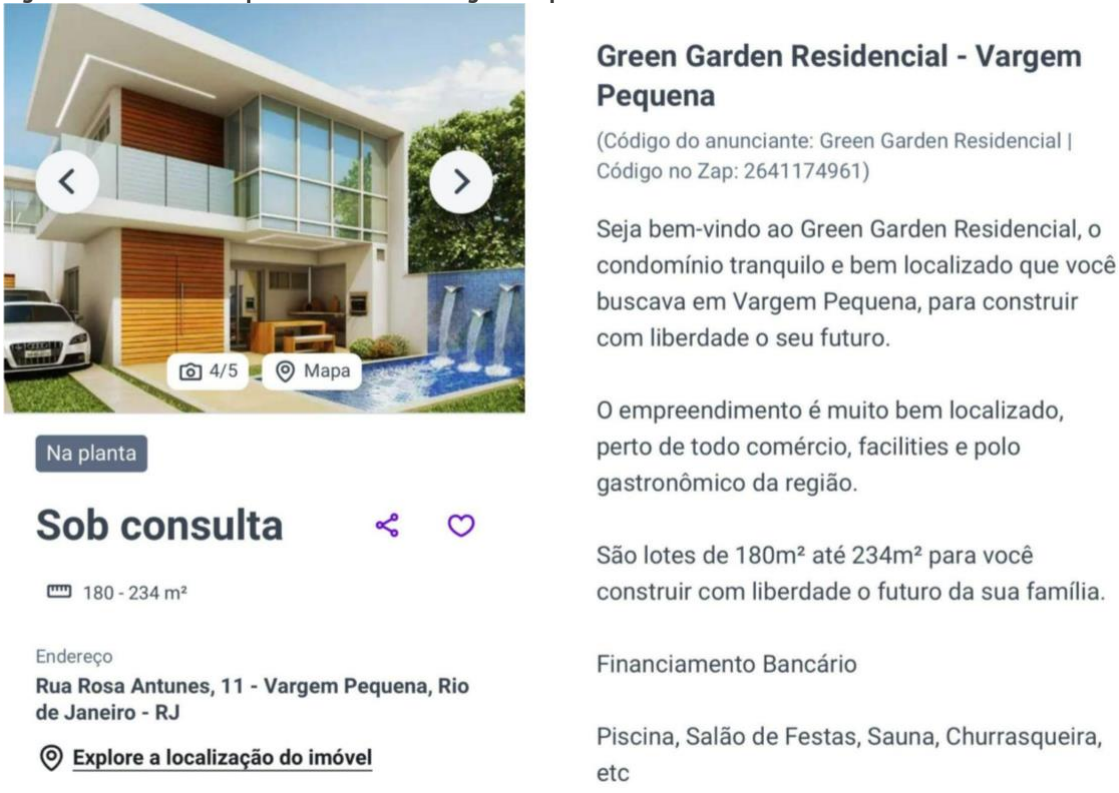
O sistema vigente subjuga os meios bióticos e abióticos, reduzindo-os a meros instrumentos para extração de recursos e maximização de lucro. A lógica utilitarista, aliada à cultura do acúmulo de capital, distancia os humanos de sua condição como parte integrante da natureza, promovendo a ideia de dominação sobre o ambiente em vez de coexistência com ele.

Diversos atores sociais atuam na disputa pela produção do território na zona oeste do Rio de Janeiro. Além dos agentes ligados ao mercado imobiliário, agentes públicos como o Governo Municipal, têm ainda diferentes esferas a nível do Estado e Federal. Todavia, existem ainda outros grupos que atuam na ilegalidade, como as milícias e o tráfico.

Os grupos milicianos atuam de maneira sistemática e organizada, combinando coerção, exploração econômica e manipulação territorial. Na região do entorno do PEPB, sua atuação envolve a apropriação ilegal de terras, desmatamento de áreas protegidas e construções clandestinas, transformando terrenos em mercadoria especulativa. Essas práticas exploram populações vulneráveis e violam a legislação ambiental, enquanto reforçam o controle social por meio de intimidação, monopólio de serviços essenciais e repressão de lideranças comunitárias. Essas ações agravam a violência local, comprometem a sustentabilidade ambiental e ameaçam diretamente comunidades tradicionais, como o Quilombo Cafundá Astrogilda, que enfrenta crescentes pressões econômicas e sociais em seu território.

A região do entorno do Parque Estadual da Pedra Branca tem sido alvo de uma crescente valorização imobiliária, resultando em transformações territoriais que expõem contradições profundas entre o desenvolvimento urbano e a preservação ambiental e cultural. O aumento da demanda por imóveis em áreas como Vargem Grande e Vargem Pequena é impulsionado por anúncios que destacam a proximidade com áreas verdes e a tranquilidade local. Um exemplo disso é o empreendimento "Green Garden Residencial", localizado em Vargem Pequena, que promove lotes de 180m² a 234m², ressaltando os atrativos ambientais e a serenidade da região (Figuras 4). Essa estratégia de marketing é complementada por anúncios na plataforma OLX Brasil, que reforçam a ideia de valorização imobiliária dessa área, destacando a proximidade com a natureza como um diferencial competitivo.

Figura 4: Anúncio de empreendimento em Vargem Pequena



Green Garden Residencial - Vargem Pequena

(Código do anunciante: Green Garden Residencial | Código no Zap: 2641174961)

Seja bem-vindo ao Green Garden Residencial, o condomínio tranquilo e bem localizado que você buscava em Vargem Pequena, para construir com liberdade o seu futuro.

O empreendimento é muito bem localizado, perto de todo comércio, facilities e polo gastronômico da região.

São lotes de 180m² até 234m² para você construir com liberdade o futuro da sua família.

Financiamento Bancário

Piscina, Salão de Festas, Sauna, Churrasqueira, etc

Sob consulta

180 - 234 m²

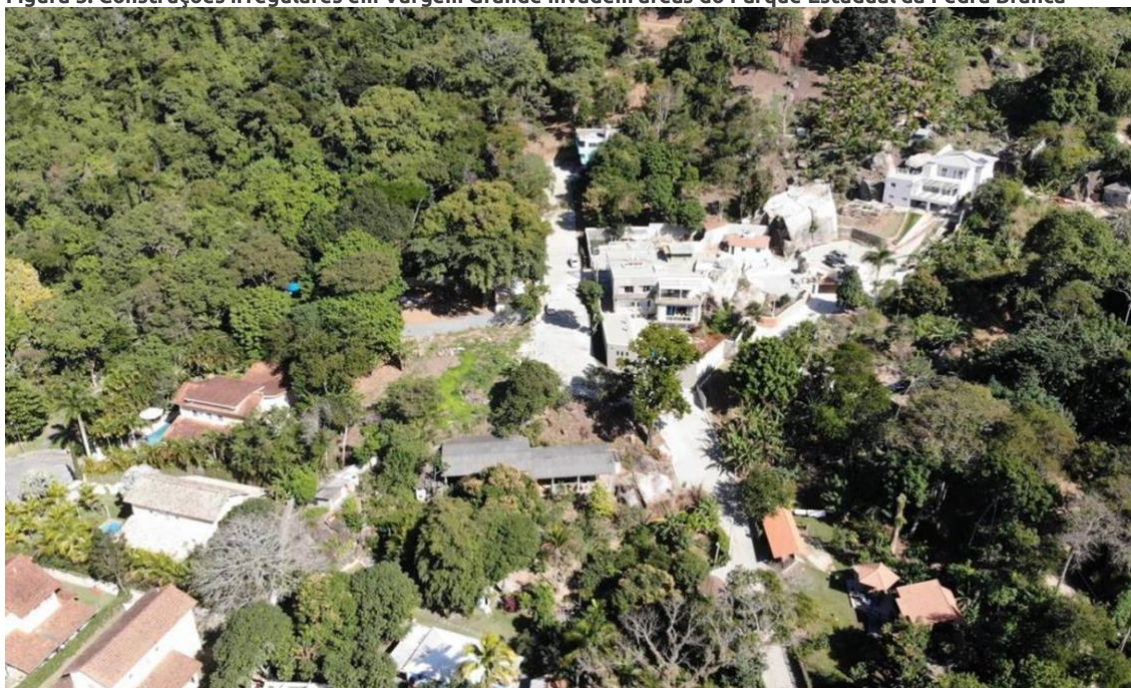
Endereço
Rua Rosa Antunes, 11 - Vargem Pequena, Rio de Janeiro - RJ

[Explore a localização do imóvel](#)

Fonte: Página do Zap Imóveis².

Esses anúncios ilustram como o mercado imobiliário utiliza a conexão com áreas verdes e o estilo de vida tranquilo como argumentos de venda. No entanto, esse crescimento tem consequências alarmantes, como o desmatamento de áreas protegidas, a contaminação dos recursos hídricos e ocupação desordenada de terrenos que deveriam ser preservados (Figura 5). O discurso de valorização econômica e desenvolvimento urbanístico muitas vezes se sobrepõe à urgência de preservar os ecossistemas locais e garantir o respeito às comunidades quilombolas que dependem desse território para a sua sobrevivência cultural e material.

Figura 5: Construções irregulares em Vargem Grande invadem áreas do Parque Estadual da Pedra Branca



Fonte: Página do O Globo³.

Os problemas de trânsito na região são outra consequência direta do aumento populacional e da urbanização descontrolada. Vias que antes serviam como acessos a propriedades rurais e trilhas ecológicas estão agora sobrecarregadas pelo fluxo de veículos, muitas vezes sem qualquer planejamento viário que acompanhe o crescimento urbano. A falta de fiscalização adequada amplia o espaço de atuação das milícias e de outros grupos criminosos, que controlam parte das novas construções e a venda ilegal de terrenos, agravando a violência e os conflitos territoriais. Segundo José Cláudio de Souza Alves, "as milícias expandem seu domínio territorial explorando ilegalmente os recursos urbanos, em um ciclo de violência e especulação que compromete a vida das comunidades locais e a integridade ambiental". (IHU Unisinos, 2023).

A presença de atividades econômicas no entorno do PEPB, como haras e sítios de veraneio, também contribui para a pressão sobre os territórios quilombolas e a biodiversidade local. É comum a presença de eventos equestres como cavalgadas e grupos de cavaleiros e amazonas circulando pela região, dividindo o espaço estreito das trilhas – que são utilizadas também por veículos automotores e pedestres. Embora representem uma importante fonte de renda para alguns moradores, essas iniciativas muitas vezes desconsideram as especificidades ambientais e culturais da área. A competição pelo uso do solo e dos recursos naturais entre empreendimentos rurais e as comunidades tradicionais resulta em conflitos que enfraquecem a autonomia de grupos como o Quilombo Cafundá Astrogilda, que depende do território para práticas agrícolas e culturais.

A invasão de terras do quilombo e do próprio parque é outra questão crítica. Grupos ligados ao mercado imobiliário informal e à criminalidade promovem desmatamentos e ocupações

ilegais que violam os direitos das comunidades e comprometem a integridade ambiental do PEPB. Esses processos ameaçam diretamente a continuidade de práticas culturais, como o benzimento e as celebrações religiosas, além de dificultar a agricultura de subsistência e a sustentabilidade da região.

Enquanto isso, as práticas de comercialização de imóveis na região seguem avançando, alheias às questões socioambientais. Lançamentos imobiliários enfatizam o potencial de uma vida próxima à natureza, mas ignoram os impactos dessas construções sobre a biodiversidade, os recursos hídricos e as comunidades tradicionais. O desequilíbrio entre as demandas do mercado e as necessidades das populações locais cria um ambiente onde o progresso econômico é obtido às custas da degradação ambiental e da exclusão social.

PRÁTICAS SÓCIO-ESPACIAIS INSURGENTES NO QUILOMBO CAFUNDÁ ASTROGILDA

Após discutirmos os conceitos de território e territorialidade e contextualizarmos a história e os desafios e conflitos enfrentados pelo Quilombo Cafundá Astrogilda, esta seção aborda as práticas sócio-espaciais insurgentes que definem a relação da comunidade com o seu território. Essas práticas, construídas ao longo de gerações, refletem estratégias de resistência, resiliência e adaptação que asseguram a continuidade da vida quilombola em cenário marcado por tensões entre avanço do processo de expansão urbana, turismo predatório, além da criação de haras para a criação de eventos equestres e cavalgadas, casas de festas, bares, restaurantes, sítios de veraneio e de condomínios exclusivos de luxo - formas de ocupação e de produção do espaço que muitas vezes entram em rota de colisão com a forma de apropriação e uso do território pelos quilombolas.

Nesta seção, serão abordadas as expressões cotidianas da comunidade em sua interação com os elementos naturais, o uso de espaços de lazer como as cachoeiras, os desafios de adensamento urbano e as alternativas encontradas para sustentar suas práticas, como o turismo quilombola e as iniciativas educacionais. A partir do percurso exploratório realizado pelos autores, destacam-se as múltiplas dimensões das práticas insurgentes, que reafirmam identidades, preservam tradições e fortalecem a autonomia do território.

Nos últimos anos, o Quilombo Cafundá Astrogilda recebeu importantes intervenções, como a instalação do portal (Figura 6) e placas de sinalização que passaram a orientar os visitantes e destacar a presença do território quilombola na região. O portal marca a entrada física do quilombo e simboliza a resistência e a valorização de sua identidade cultural. A presença desses elementos também contribui para a demarcação do território, além de fortalecer as práticas culturais e educativas promovidas pela comunidade e facilitar o direcionamento de turistas, pesquisadores e parceiros, reforçando a visibilidade do quilombo e sua relação com o entorno.

Figura 6: Portal Quilombo Cafundá Astrogilda

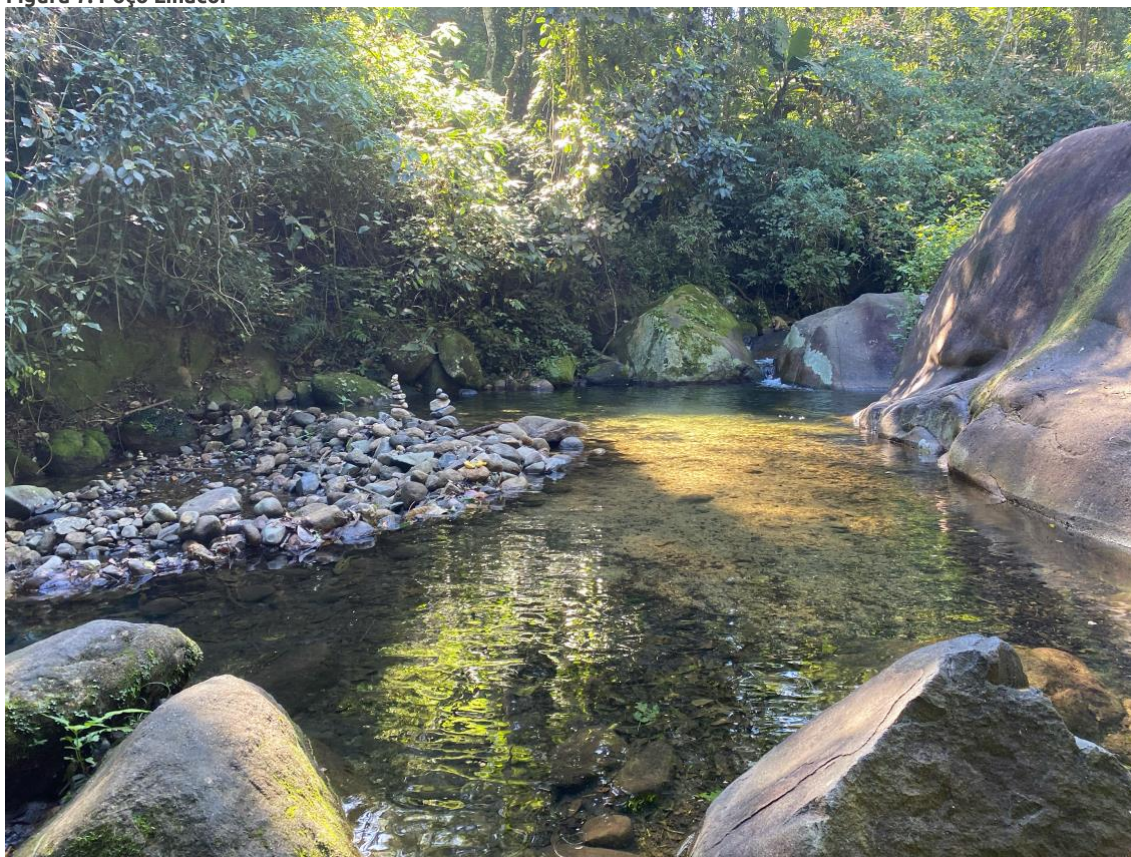


Fonte: Tatiana Alcantara, 2024.

O Quilombo Cafundá Astrogilda está profundamente ligado ao seu meio ambiente, com as cachoeiras e o poço Licanor (Figura 7), simbolizando não apenas a riqueza natural do território, mas também espaços de convivência e espiritualidade. Durante o percurso exploratório, esses locais foram apresentados como fundamentais para a comunidade, servindo como pontos de lazer e conexão com a natureza. A conexão ambiental proporcionada por esses

espaços reflete a relação intrínseca entre o território e seus recursos naturais, destacando a importância do cuidado coletivo. Já o uso das cachoeiras, impulsionado pela crescente pressão turística, principalmente nos finais de semana e feriados, traz desafios significativos, como o manejo de resíduos sólidos e a necessidade de estratégias eficazes para garantir a preservação dessas áreas. Esse cenário demanda ações que equilibrem o uso sustentável dos recursos naturais com a valorização do turismo quilombola. O fortalecimento das práticas locais de preservação ambiental e a conscientização dos visitantes sobre os valores culturais e ecológicos do quilombo são essenciais para proteger esses espaços e manter sua integridade.

Figura 7: Poço Linacor



Fonte: Acervo pessoal, 2024

O Quilombo Cafundá Astrogilda está profundamente ligado ao seu meio ambiente, com as cachoeiras e o poço Licanor (Figura 7), simbolizando não apenas a riqueza natural do território, mas também espaços de convivência e espiritualidade. Durante o percurso exploratório, esses locais foram apresentados como fundamentais para a comunidade, servindo como pontos de lazer e conexão com a natureza. A conexão ambiental proporcionada por esses espaços reflete a relação intrínseca entre o território e seus recursos naturais, destacando a importância do cuidado coletivo.

Já o uso das cachoeiras, impulsionado pela crescente pressão turística, principalmente nos finais de semana e feriados, traz desafios significativos, como o manejo de resíduos sólidos e

a necessidade de estratégias eficazes para garantir a preservação dessas áreas. Esse cenário demanda ações que equilibrem o uso sustentável dos recursos naturais com a valorização do turismo quilombola. O fortalecimento das práticas locais de preservação ambiental e a conscientização dos visitantes sobre os valores culturais e ecológicos do quilombo são essenciais para proteger esses espaços e manter sua integridade.

Figura 8: Parque Estadual da Pedra Branca - Posto Avançado Quilombola



Nota: Unidade de proteção do parque, localizada no território quilombola, onde os guardas-parque atuam na fiscalização e preservação ambiental, garantindo a proteção dos recursos naturais e o apoio à comunidade local.
Fonte: Amaro Marques, 2024

O adensamento urbano no entorno do quilombo impõe desafios significativos à comunidade, impactando diretamente suas territorialidades e a forma como o espaço é vivenciado pelos moradores. Problemas como a pressão sobre os sistemas de água, saneamento e a limitação de serviços básicos, como telefonia e transporte, afetam a qualidade de vida dos moradores. Esses impactos do adensamento urbano são agravados pela sobreposição do território quilombola com o PEPB (Figura 8), que restringe práticas traduzidas, como o cultivo agrícola. A convivência entre a preservação ambiental e as demandas por infraestrutura exige um diálogo constante entre a comunidade, as autoridades públicas e os órgãos ambientais. Propostas que conciliam a manutenção das práticas tradicionais com soluções para os problemas do entorno são fundamentais para garantir a autonomia da comunidade e a sustentabilidade do território.

O turismo no quilombo, quando planejado e respeitoso, fortalece a preservação cultural e a economia local. O restaurante “Tô na Boa” (Figura 9), por exemplo, é um espaço que conecta visitantes à cultura quilombola, destacando a culinária tradicional e reforçando a identidade do território. A gastronomia local, preparada com ingredientes e técnicas transmitidos entre gerações, exemplifica a resistência cultural em ação. Sendo assim, o turismo quilombola se apresenta como uma oportunidade valiosa para fortalecer a cultura local e promover a

autonomia econômica da comunidade. Mais do que uma atividade econômica, ele funciona como uma ponte entre visitantes e a rica herança quilombola, permitindo que tradições sejam compartilhadas e valorizadas. Quando conduzido de forma participativa, com a comunidade como protagonista, contribui para o reconhecimento das práticas culturais, fortalece os laços com o território e estimula iniciativas que preservam tanto os aspectos materiais quanto imateriais na vida do quilombo, consolidando a preservação cultural como um pilar essencial.

Figura 9: Restaurante Tô na Boa



Fonte: Amaro Marques, 2024

A infraestrutura do quilombo demonstra criatividade e adaptabilidade, com sistemas de captação de água e fontes alternativas de energia. Contudo, limitações como a ausência de saneamento básico e a precariedade do transporte público comprometem a qualidade de vida da população. Esses desafios destacam a necessidade de melhorias estruturais que respeitem as especificidades do território e sejam conduzidas em parceria com a comunidade. A superação dessas barreiras pode fortalecer ainda mais a resiliência comunitária, assegurando que as gerações futuras possam continuar a viver em harmonia com o território e manter suas práticas culturais e sociais. Assim, a combinação de investimento em infraestrutura com estratégias participativas pode não apenas resolver problemas práticos, mas também consolidar a autonomia e a sustentabilidade da comunidade quilombola.

O Laboratório Vivo Floresta/Museu Quilombo (Figura 10) é um exemplo de como a educação ambiental pode ser usada como ferramenta de resistência. Durante o percurso exploratório, foi evidente o esforço da comunidade em promover atividades que conectem a preservação

ambiental às tradições locais. A educação ambiental, aliada ao uso sustentável do território, permite que os moradores enfrentem os desafios impostos pelas políticas ambientais e pelo adensamento urbano, reforçando o papel do quilombo como guardião da biodiversidade e da cultural. Ao integrar saberes ancestrais e práticas contemporâneas, o quilombo exemplifica como a insurgência pode ser transformada em estratégias de afirmação e defesa territorial. Essas ações garantem não apenas a preservação do território, mas também a continuidade das práticas culturais que definem a identidade quilombola.

Figura 10: Laboratório Vivo Floresta/Museu Quilombo



Fonte: Tatiana Alcantara, 2024

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da produção do território e das territorialidades no Quilombo Cafundá Astrogilda e seu entorno revela a complexa articulação entre resistência cultural, preservação territorial e as dinâmicas de adaptação frente às pressões externas. Este estudo, que inclui a contextualização histórica, a análise de práticas insurgentes e a observação direta da comunidade, oferece uma visão aprofundada sobre as estratégias de resiliência empregadas pelos quilombolas para proteger sua identidade e autonomia.

A origem do quilombo, enraizada nas terras de antigos engenhos coloniais da baixada de Jacarepaguá, reflete a profundidade de sua conexão com o território. As práticas culturais ancestrais, como o benzimento, o uso de ervas medicinais, a agricultura familiar e a culinária tradicional, continuam a moldar a ocupação e o uso do espaço, reafirmando a identidade quilombola em meio a desafios como o avanço da especulação imobiliária, a expansão urbana e os empreendimentos voltados ao turismo e à construção civil.

A pesquisa ainda aponta o aumento dos conflitos socioambientais, evidenciando os impactos à biodiversidade e à qualidade ambiental com o avanço de novos empreendimentos como a construção civil, sítios de veraneio, haras e turismo rural. A sobreposição das terras do quilombo ao PEPB exemplifica as tensões entre conservação ambiental e manutenção das práticas tradicionais, destacando a urgência de políticas públicas que equilibram a preservação ambiental com os direitos e necessidades das comunidades quilombolas.

A posse definitiva do território do quilombo, bem como uma maior fiscalização sobre o ordenamento territorial e a expansão urbana, deve ser prioridade para os gestores públicos. Além dos impactos ambientais, está em jogo a preservação de uma cultural ancestral única, que depende da terra, das matas, dos animais, dos orixás e da ancestralidade africana para resistir e existir.

Os conceitos de território e territorialidade, abordados por Rogério Haesbaert e Marcelo Lopes de Souza, foram cruciais para a compreensão das práticas espaciais insurgentes da comunidade. O território como exercício de poder e controle sobre o espaço, e a territorialidade como uma construção social e simbólica, foram fundamentais para a afirmação identitária e a resistência quilombola. Aliados às perspectivas contracoloniais, decoloniais e quilombistas, esses conceitos destacam como o Quilombo Cafundá Astrogilda desafia narrativas hegemônicas e reposiciona o protagonismo do povo negro na luta por justiça social e espacial.

A memória da matriarca Astrogilda, as práticas culturais transmitidas oralmente entre gerações e a integração de saberes ancestrais no manejo sustentável do território reforçam o papel central da ancestralidade na formação da territorialidade quilombola. Essas práticas não apenas garantem a sobrevivência cultural e material da comunidade, mas também contribuem significativamente para a conservação ambiental.

Frente às pressões externas, a luta pela posse definitiva do território do quilombo e por uma maior fiscalização sobre a expansão urbana e os impactos nas áreas de amortecimento do Maciço da Pedra Branca é uma questão prioritária. Além das implicações ambientais, está em jogo a preservação de uma cultura ancestral única, cuja existência depende do equilíbrio entre terra, natureza, espiritualidade e ancestralidade africana.

O Quilombo Cafundá Astrogilda é, portanto, um símbolo de resistência e resiliência, onde a produção do território e das territorialidades reflete a luta contínua pela afirmação da identidade quilombola. Reconhecer e valorizar essa luta é essencial para garantir o protagonismo do povo preto e para construir um futuro que respeite a diversidade cultural, os saberes tradicionais e a justiça territorial.

REFERÊNCIAS

ALVES, José Cláudio de Souza. **A complexa trama entre milícia e Estado e a violência no Rio de Janeiro** - Entrevista especial com José Cláudio de Souza Alves. IHU Unisinos. Disponível em: <<https://ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/633603-a-complexa-trama-entre-milicia-e-estado-e-a-violencia-no-rio-de-janeiro-entrevista-especial-com-jose-claudio-de-souza-alves>>. Acesso em: 15 nov. 2024.

CÁCERES, Luz Stella Rodríguez. **Caminhos de memória e resistência:** cartografia participativa do Quilombo Cafundá Astrogilda. [S.l]: [s.n.], 2020. ISBN 978-65-89039-16-7. Disponível em: <<https://www.academia.edu/87430254>> Acesso em: 21 nov. 2024.

CÁCERES, Luz Stella Rodríguez. Pai Tertuliano, vó Astrogilda e Pingo, o guardião: de memórias familiares a patrimônio cultural no Quilombo de Vargem Grande no Rio de Janeiro (RJ). **Patrimônio e Memória**. São Paulo: UNESP, Vol.13, N.1, p. 201-226, 2017. ISSN-e 1808-1967.

CORRÊA, Armando Magalhães. **O sertão carioca**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2017.

HAESBAERT, Rogério. **Território e descolonialidade:** sobre o giro (multi) territorial/de(s)colonial na América Latina. Niterói: Projeto de Pís, 2021.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

MARTICATO, Ermínia. **O impasse da política urbana no Brasil**. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2013.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**. Petrópolis: Vozes, 1980.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

SAMPAIO, Daniel. **A história das Vargens, o "Sertão Carioca"**. Disponível em: <<https://vejario.abril.com.br/coluna/daniel-sampaio/historia-vargens-sertao-carioca>> Acesso em: 18 nov. 2024.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

SILVA, Luciano Tadeu de Mendonça da; VICTÓRIO, Cristiane Pimentel. "Áreas verdes na Zona Oeste do Rio de Janeiro: patrimônio ambiental de Mata Atlântica". **Meio Ambiente (Brasil)**. São Paulo: Editora Meio Ambiente, Vol.3, N.1, p. 112-136, 2021.

SOUZA, Marcelo Lopes. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. *In*: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo Cesar Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 77-110.

SOUZA, Marcelo Lopes. **Os conceitos fundamentais da pesquisa socioespacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SOUZA, Marcelo Lopes. "A urbanização brasileira no século XXI: desafios e perspectivas.". **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**. São Paulo: ANPUR, Vol.19, N.1, p. 35-50, 2017.

NOTA DE AGRADECIMENTOS

Esse trabalho contou com bolsa de fomento do CNPq dentro do Mestrado em Arquitetura e Urbanismo do PPGARQ e bolsa do Programa de Incentivo à Produtividade em Ensino e Pesquisa para o biênio 08/2023-07/2025 da Vice-Reitoria para Assuntos Acadêmicos (Ensino e Pesquisa) PUC-Rio.

¹ Informação verbal fornecida por Maria Lúcia durante o percurso realizado no Quilombo Cafundá Astrogilda em Junho de 2024.

² Disponível em: <<https://www.zapimoveis.com.br/lancamento/venda-terreno-lote-condominio-vargem-pequena-zona-oeste-rio-de-janeiro-rj-234m2-id-2641174961/>>. Acesso em: 22 nov. 2024.

³ Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/milicia-loteamentos-ilegais-tambem-avancam-em-vargem-grande-no-parque-estadual-da-pedra-branca-24285231>>. Acesso em: 30 nov. 2024.